



## ARTE E ENGENHARIA: UMA EXPERIÊNCIA MULTIDISCIPLINAR NO PROJETO ECOS

JÉFERSON LUÍS DIAS DA SILVA<sup>1</sup>; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES<sup>2</sup>;  
ANGELA RAFFIN POHLMANN<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – emaildejeferson@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – regi.ntavares@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem como objetivo apresentar o projeto de pesquisa “ECOS: Estação de Computação e Ordenamento Simbólico.” Essa apresentação é feita com base nos meus primeiros processos de envolvimento com o grupo de pesquisa, um olhar para alguns trabalhos desenvolvidos para o grupo até o momento atual, destacando a trajetória e formação do grupo de pesquisa que tem seus projetos por meio de cruzamento entre as áreas das artes visuais, engenharias e tecnologias.

O grupo de pesquisa “ECOS: Estação de Computação e Ordenamento Simbólico” está vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e reúne dois núcleos: o Centro de Engenharias e o Centro de Artes. O projeto é coordenado por dois professores, Angela Raffin Pohlmann (CA-UFPEL) e Reginaldo da Nóbrega Tavares (Ceng-UFPEL). É formado por discentes pesquisadores dos cursos de Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Eletrônica, Cinema e Audiovisual, Artes Visuais na modalidade de Bacharelado e Licenciatura.

Pautado na convergência de duas áreas, como já foi dito anteriormente, enquanto pesquisa multidisciplinar entre arte, engenharia e tecnologias, esta pesquisa é um desdobramento de grupos de pesquisas que já atuavam dentro do campo acadêmico. Projetos anteriores e ramificadores a este são: “Gravura artística e Engenharia Digital: trabalho em equipe e experiência multidisciplinares” e “Percurso poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade”.

Torna-se evidente, pela caminhada até a formação do grupo ECOS, a importância das reflexões acerca dos estudos multidisciplinares dentro do ambiente universitário. Igualmente, pesquisas que possam apresentar o modo como é gerada a comunicação entre os membros, sendo esta o motor principal. Enquanto dinâmica, existem especificidades (já presente em projetos anteriores), por meio de interações que aparecem por meio de anseios particulares e coletivos em pesquisa, nos quais perpassam cada componente que compõem a equipe. Por meio dessas tensões e as relações estabelecidas, surgem os problemas, cujo objetivo principal do grupo ECOS é pensar e planejar a elaboração de um dispositivo artístico, ou artefatos artísticos interativos.

### 2. METODOLOGIA

O grupo desenvolve suas atividades por meio de conversas remotas que acontecem semanalmente. Nestas reuniões, são realizadas as revisões bibliográficas no campo da arte e tecnologia; os debates específicos relacionados à área de concentração do grupo, mas também às áreas de estudos em que cada

estudante atua são compartilhadas por meio de apresentações. Através destas partilhas e trajetos de cada pesquisador, o grupo pretende criar projeções sobre a estrutura deste dispositivo artístico em sua complexidade, e isto quer dizer, pensar um conjunto de relações que estabelecem enquanto objeto, ordenação enquanto engenharia, sua natureza artística e tecnológica.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades em equipe procuram adequar-se ao momento em que vivemos. O cronograma conta com apresentações de cada participante com temas e problemas de pesquisa em que os estudantes estão envolvidos. Então, vamos desenhando projeções desse objeto que ainda se encontra sem forma. Os pesquisadores começam, aos poucos, a elaborar pontos de conexões entre suas pesquisas e essa máquina em formação. Assim, antes de qualquer ação próxima, a máquina criada pelo grupo é propriamente resultado de interatividade e multidisciplinaridade; se não a característica principal.

Os frutos já obtidos por meio de sua formação e desenvolvimento permitem refletir sobre a pesquisa dentro do grupo e sua trajetória até o momento seguinte, por meio de suas ações e também pela forma como são desenvolvidos os passos dos constituintes do grupo ECOS. O caminhar dentro do grupo se estabelece pela relação de diálogo entre pesquisadores e a comunidade, sendo este um dos traços que formam o grupo. Esta afirmação tem como base a experiência da criação de um torno de cerâmica, durante o projeto de extensão “Ações Multidisciplinares com Arte e Engenharia Digital” (2012), como resultado dessa relação e também como partilha das conversas entre os artistas que trabalham com a técnica de cerâmica.

A interatividade entre a comunidade e os pesquisadores são, de fato, processos criativos que propõem soluções diante de problemas interligados ao cotidiano, sendo pertinentes tanto ao ambiente social quanto ambiente acadêmico. É importante ressaltar um outro objeto produzido pelo grupo: “Caixa de som amplificada” cujo propósito principal era criar um dispositivo com uma boa transferência de informações, eliminando os ruídos nessa passagem de som (MARTINS et al, 2017).

Neste sentido, é relevante ressaltar a importância dos diálogos entre os vários integrantes do projeto, cujas ações podem também propiciar processos de aprendizagem dos alunos a partir da criação destes artefatos e dispositivos. Na trajetória do grupo apresentada parcialmente até aqui, é perceptível também suas preocupações com problemas de origem ecológicas em seus processos criativos. Os materiais utilizados na caixa amplificadora e no torno cerâmico são provenientes de reusos, propriamente de resíduos e de aparelhos que haviam sido descartados e não eram mais utilizáveis em sua finalidade funcional (ROSSO et al, 2017). Também nota-se a preocupação do grupo com a necessidade de elaborar objetos possíveis de serem transportados.

Por meio de suas atividades, vemos que os problemas e questões norteadoras e formadoras que sustentam os princípios deste grupo de pesquisa têm como repercussão suas inquietudes com as questões tecnológicas e ecológicas. Um confronto entre duas naturezas em que ambas percorrem trajetos contemplativos, funcionais e estéticos, cujas soluções podem ir ao encontro das necessidades ou dilemas da sociedade, mas também demonstram sua preocupação em manter e se viver em espaços nos quais exista uma preservação de ações constituintes de um lugar.



Sobre minhas primeiras movimentações como integrante desse conjunto: é refletir por meio de performatividade e inconformidades que surgem em lugares não habitados até o seguinte habitar. A comunicação, mínima que seja, é uma ação de compartilhamento, e de certa forma estabelece uma relação com este lugar, e devidamente nos permite habitá-lo, não por completo, mas parcialmente é reconfigurável o repouso, a partir de confrontos por meio de inquietudes, habitamos novamente, e o que habitamos?

O uso do termo performatividade é trazido aqui com base na visão da performer Musa Michelle Mattiuzzi (2015).

Meu corpo modifica-se a cada instante de tempo. Meu corpo pulsa. Meu corpo age, meu corpo performa. Como efetuar deslocamentos de ações? Como relacionar corpo, estética e política através de micro-ações? Como criar poéticas com micropolíticas? Como não falhar, sabendo que isso pode acontecer a qualquer momento. Essas questões são propulsoras para o planejamento das minhas ações em arte e vida. Elas pulsam a todo minuto, a todo momento as respostas saem como outras questões. E muitas vezes elas tornam-se ações. Será que existe apenas uma resposta para a mesma intenção? (MATIUZZI, 2015)

Esta ideia permite uma reflexão sobre nossas ações e de como estabelecemos relações com o espaço por meio de mínimas atitudes, pequenas num sentido de atos qualquer do cotidiano. O corpo como gerador de confrontos, mediante a obstáculos que este mesmo impõe. O diálogo com a artista é pertinente, devido a pontos de congruências entre a performance, corpo político, arte e vida.

#### 4. CONCLUSÕES

Lidar com projeções desconhecidas de um novo dispositivo artístico perante a atividade multidisciplinar deste grupo de pesquisa, é lidar com incômodos, incertezas e até inseguranças. Devido às diversas demandas de indivíduos nas sociedades, o primeiro passo é a atenção aos pequenos movimentos. De certa forma, acredito que são eles os originários de respectivas formas que podem ou não se projetar dentro do grupo, e dessa forma o corpo atravessa barreiras ao manejar algo que, no momento, não é passível de concretude enquanto projeto final; ressalto, ainda, que os exercícios até agora, foram pertinentes para os processos de criação e ponderações dentro desta equipe de investigação.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATTIUZZI, Musa Michelle. **BREVIÁRIO SOBRE UMA AÇÃO PERFORMÁTICA: SÓ ENTRO NO JOGO!**. In: **Musa Mattiuzzi Performer**, 2018. Disponível em: <https://musamattiuzzi.wixsite.com/musamattiuzzi/textos>. Acesso em: 17 set. 2020.

MARTINS, G. L.; ROSSO, V. C. ; OLIVEIRA, B. S. ; HIGASHI, G. B. ; TAVARES, R. N. ; POHLMANN, A. R. **Caixa de som amplificada: do conceito à especificação**. In: **3 SIIPE**, Pelotas. XXVI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2017.

ROSSO, V. C. ; CASARIN, J. C. D. ; MARTINS, G. L. ; TAVARES, R. N. ; POHLMANN, A. R. **Ações colaborativas e técnicas de reuso: a construção de um torno de cerâmica**. In: **3 SIIPE**, 2017, Pelotas, XXVI Congresso de Iniciação Científica, 2017.